

Claribel Calderius

Uma conversa sobre a memória emocional no seu atelier em Mérida, no México / A conversation about emotional memory at her studio in Mérida, Mexico



ATELIER DE/OF CLARIBEL CALDERIUS

Quando visitei o atelier de Claribel Calderius, em Havana, há quase uma década, o seu trabalho estava centrado numa profunda investigação sobre os orfanatos e a infância abandonada em Cuba. O seu projecto *Los niños de la patria* transportava estas realidades para a esfera da cultura e da arte contemporânea, tornando visível aquilo que durante anos permaneceu oculto.

Nascida em Havana, em 1986, Calderius licenciou-se em Estudos Socioculturais pela Universidade de Havana em 2009. É nesta procura de compreender o mundo que se inicia a sua escolha académica e que também define o seu trabalho artístico. As suas obras revelam preocupações profundamente ligadas à memória, à maternidade, ao medo, à reparação emocional e à liberdade.

Claribel cresceu num ambiente cultural complexo e multifacetado, rodeada por uma geração de artistas e intelectuais cubanos para quem a arte não era apenas uma profissão, mas uma forma de existência. Esposa e mãe de artistas, Calderius entende a criação como uma extensão inseparável da vida quotidiana.

When I visited Claribel Calderius's studio in Havana almost a decade ago, her work revolved around an in-depth investigation into orphanages and abandoned children in Cuba. Her project *Los niños de la patria* brought these realities into the sphere of culture and contemporary art, bringing to light what had long been hidden.

Born in Havana in 1986, Calderius graduated with a degree in Sociocultural Studies from the University of Havana in 2009. It was this quest to understand the world that shaped her academic path and also defines her artistic work. Her works reveal concerns that are deeply linked to memory, motherhood, fear, emotional healing and freedom.

Claribel grew up in a complex and multifaceted cultural environment, surrounded by a generation of Cuban artists and intellectuals for whom art was not just a profession, but a way of life. As the wife and mother of artists, Calderius sees creation as an inseparable extension of everyday life.

Em Fevereiro de 2026 visitei o extraordinário estúdio de Claribel Calderius, em Mérida, e fiquei profundamente impressionada tanto pela força do seu trabalho como pela dimensão e pela cor amarelo-ocre das paredes do espaço onde cria. Para além da escala do atelier, o que verdadeiramente comove é a forma como as histórias da sua vida — a infância em Havana, os seus medos, a maternidade, o desenraizamento e a memória — se infiltram constantemente em cada uma das suas peças.

Tapeçarias monumentais, tecidos, monstros e serpentes carregados de simbolismo constroem um universo visual onde o íntimo e o político coexistem de forma inseparável.

VERÓNICA DE MELLO: **Depois de visitar o teu estúdio em Mérida, fica a sensação de que esse espaço funciona também como uma extensão do teu mundo interior. O que representa hoje o estúdio para ti?**

CLARIBEL CALDERIUS: O meu estúdio não é apenas um local de trabalho; é quase um organismo vivo. Por vezes sinto que respira comigo. Há dias em que entro e o espaço está silencioso, como se estivesse à espera de algo, e outros em que parece uma floresta depois da chuva: cheio de sinais, de vestígios, de vozes. É um território de transformação, um campo de batalha espiritual onde consigo ouvir coisas que, lá fora, ficam abafadas pelo ruído quotidiano. Trabalho a partir da intuição e de pequenos rituais pessoais: mover objectos, coser durante horas, repetir gestos até entrar numa espécie de transe. O meu dia-a-dia nunca é igual. Há jornadas inteiras em que apenas observo materiais, leio, escuto cânticos antigos ou caminho pelo campo à procura de texturas e símbolos. Noutras ocasiões, trabalho compulsivamente, como se algo me estivesse a ditar uma imagem. Procuro respeitar esses ritmos invisíveis e compreender que a criação também tem marés, ciclos e silêncios. Passo por muitos estados: angústia, melancolia, nostalgia, alegria, tristeza. Danço, canto, rio, choro... E falo com aqueles que já partiram.

Desde *Los niños de la patria* até aos teus trabalhos mais recentes, existe uma preocupação constante com as feridas invisíveis. Sentes que o teu trabalho procura denunciar essas fracturas sociais?

Mais do que denunciar, creio que o meu trabalho procura revelar. Existem feridas que estão tão profundamente enraizadas numa sociedade que acabam por se tornar paisagem, algo que deixamos de observar. A mim interessa-me devolver-lhes presença, tornar visível aquilo que aprendemos a esconder para sobreviver. Interessa-me a memória emocional das coisas. Como um gesto, um bordado ou uma fotografia podem conter uma violência silenciosa e, ao mesmo tempo, uma possibilidade de ternura. Creio que mesmo nas minhas obras mais sombrias existe sempre uma intenção de reparação. Como se cada peça procurasse coser algo que foi quebrado, ainda que a cicatriz permaneça visível. Quando se tem uma sensibilidade muito aberta, ou aquilo a que alguns chamam neurónios-espelho, torna-se difícil conviver com tanta dor alheia sem a absorver. Lembro-me de que, desde criança, enquanto os professores davam

In February 2026, I visited Claribel Calderius's extraordinary studio in Mérida, and was I was deeply impressed by both the power of her work and the scale and ochre-yellow hue of the walls of the space where she creates. Besides the scale of the studio, what is truly moving is the way in which the stories of her life – her childhood in Havana, her fears, motherhood, uprooting and memory – constantly pervade each of her pieces.

Monumental tapestries, fabrics, monsters and serpents laden with symbolism construct a visual universe where the intimate and the political inextricably coexist.

VERÓNICA DE MELLO: **After visiting your studio in Mérida, it feels as though this space also functions as an extension of your inner world. What does the studio represent for you today?**

CLARIBEL CALDERIUS: My studio isn't just a place of work; it's almost a living organism. Sometimes I feel it breathes with me. There are days when I walk in and the space is silent, as if in anticipation of something, and others when it feels like a forest after the rain: full of signs, traces, and voices. It's a territory of transformation, a spiritual battlefield where I can hear things that, when out there, are drowned out by the noise of everyday life. I work from intuition and small personal rituals: moving objects, sewing for hours, repeating gestures until I fall into a kind of trance. My daily life is never the same. There are whole days when I simply observe materials, read, listen to ancient chants or walk through the countryside in search of textures and symbols. On other occasions, I work compulsively, as if something were dictating an image to me. I try to respect these invisible rhythms and understand that creation also has tides, cycles and silences. I go through many states: anguish, melancholy, nostalgia, joy, sadness. I dance, sing, laugh, cry... And I speak to those who have already departed.

From *Los niños de la patria* to your most recent works, there is a constant concern with invisible wounds. Do you feel that your work seeks to denounce these social fractures?

More than denouncing, I believe my work seeks to reveal. There are wounds so deeply rooted in societies that they end up becoming part of the landscape, something we no longer notice. I am interested in restoring their presence, bringing to light what we have learnt to hide in order to survive. I am interested in the emotional memory of things. How a gesture, a piece of embroidery or a photograph can contain a silent violence and, at the same time, the potential for tenderness. I believe that even in my darkest works there is always an intention to heal. As if each piece were trying to stitch together something that has been broken, even if the scar remains visible. When you have a very receptive sensitivity, or what some call mirror neurons, it becomes hard to live with so much of others' pain without absorbing it. I remember that, even as a child, while my teachers were teaching us, my mind would start to



TODAS AS IMAGENS/ALL IMAGES
SENSEMAYÁ. CÁNTICOS PARA MATAR A LA CULEBRA, CLARIBEL CALDERIUS, CAAC SEVILLA

aulas, a minha mente divagava a imaginar as suas vidas: se tinham electricidade em casa, se tinham comido, como conseguiam preservar a dignidade no meio de tanta precariedade. Nos anos 90, em Cuba, a vida era duríssima, mas ainda existia uma pequena ilusão colectiva, uma espécie de fé quebrada que ajudava a sobreviver.

wander, imagining their lives: whether they had electricity at home, whether they'd eaten, how they managed to preserve their dignity amid such precariousness. In the 1990s, in Cuba, life was extremely hard, but there was still a bit of collective illusion, a kind of broken faith that helped people survive.

In your practice, you use fabric, embroidery, collage, photography and organic materials such as jute. The snakes and monsters seem to simultaneously belong to the worlds of childhood and ritual. How do you go about selecting these materials?

For me, materials have memory, energy and a history. Jute, for example, is a humble, rough, almost wounded fibre. There is something corporeal about it. Something that ages and endures. When I paint, embroider or cut it, I feel as though I am working on skin. The snakes, monsters or hybrid creatures emerge very intuitively. They come both from childhood memories and from a spiritual and popular imagination that has lived within me for many years. I am interested in that zone where we don't know whether we are in the presence of something sacred or dangerous. In many cultures, monsters were not merely figures of fear; they were also guardians of portals, symbols of transformation. For me, there is something deeply meditative about embroidery. Repeating a stitch for hours alters one's perception of time. It is almost like praying. And collage allows me to work from the fracture: joining fragments that apparently don't belong to the same world until I create an emotional anatomy. I believe that all my work inhabits that

entre a ferida e o amuleto. Muitas vezes são os materiais que me escolhem a mim, porque incluo objectos, roupas ou coisas que me acompanharam ao longo da vida e decido que têm de morrer ou renascer dentro de uma obra. Em casa, às vezes, têm medo de mim: vêem uma cabeça ou uma peça intervencionada com um tecido que lhes parece familiar e perguntam-me: “Isso não será o meu pijama, pois não?” (risos)

ambiguous space between the wound and the amulet. It's often the materials that choose me, because I include objects, clothes or things that have accompanied me throughout my life and decide that they must die or be reborn within a work. At home, they're sometimes afraid of me: they see a head or a piece altered with a fabric that seems familiar to them and ask me: “Those aren't my pyjamas, are they?” (laughter)

Na tua prática surgem o tecido, o bordado, a colagem, a fotografia e materiais orgânicos como a juta. As serpentes e os monstros parecem pertencer simultaneamente ao universo da infância e ao do ritual. Como é feita a selecção destes materiais?

Para mim, os materiais têm memória, energia e biografia. A juta, por exemplo, é uma fibra humilde, áspera, quase ferida. Tem algo de corporal. Algo que envelhece e resiste. Quando a pinto, bordo ou corto, sinto que estou a intervir numa pele. As serpentes, os monstros ou as criaturas híbridas surgem de forma muito intuitiva. Vêm tanto de memórias de infância como de imaginários espirituais e populares que habitam em mim há muitos anos. Interessa-me essa zona onde não sabemos se estamos perante algo sagrado ou perigoso. Em muitas culturas, os monstros não eram apenas figuras do medo; eram também guardiões de portais, símbolos de transformação. O bordado tem para mim algo de profundamente meditativo. Repetir um ponto durante horas altera a percepção do tempo. É quase como rezar. E a colagem permite-me trabalhar a partir da fractura: unir fragmentos que aparentemente não pertencem ao mesmo mundo até criar uma anatomia emocional. Creio que toda a minha obra habita esse lugar ambíguo

Nos teus trabalhos mais recentes parece existir uma transição da denúncia social para uma linguagem mais espiritual. Para onde sentes que a tua obra se dirige agora?

Sinto que o meu trabalho está a entrar cada vez mais num território onde o visível e o invisível se misturam. Já não me interessa apenas falar do trauma, mas também dos processos de transformação que acontecem depois de o atravessarmos. Como uma ferida pode transformar-se em linguagem, em símbolo e até em força espiritual. Neste momento sinto uma necessidade profunda de explorar mais a relação entre som, corpo e espiritualidade. Interessa-me trabalhar com ritmos, percussão, repetições e linguagens codificadas que vêm da diáspora e de memórias ancestrais. Também quero continuar a investigar a transformação do corpo: corpos sem cabeça, corpos mutantes, corpos que deixam de obedecer apenas à razão para entrarem em estados mais intuitivos e expansivos. Creio que estou à procura de uma linguagem cada vez mais livre, onde a obra não represente apenas um ritual, mas possa transformar-se ela própria num ritual. Continuar a criar a minha própria simbologia... Sonho fazer um mural infinito. ^Δ

In your most recent works, there seems to be a transition from social critique to a more spiritual language. Where do you feel your work is now headed?

I feel my work is venturing further and further into a realm where the visible and the invisible blend together. I'm no longer interested merely in addressing trauma, but also in the processes of transformation that follow once we've gone through it. How a wound can be transformed into language, into a symbol, and even into spiritual strength. At the moment I feel a deep need to delve further into the relationship between sound, the body and spirituality. I'm interested in working with rhythms, percussion, repetitions and coded languages that stem from the diaspora and ancestral memories. I also want to continue investigating the transformation of the body: headless bodies, mutating bodies, bodies that are no longer governed solely by reason, but enter into more intuitive and expansive states. I believe I'm searching for an increasingly free language, where work doesn't just represent a ritual, but can become a ritual in itself. To continue creating my own symbolism... I dream of making an infinite mural. ^Δ